

Matérias do SIMPEP

Setor de Plástico sofre com monopólio e falta de incentivo fiscal

O SIMPEP – Sindicato da Indústria de Material Plástico no Estado do Paraná – informa e alerta que o setor de transformação de plástico vem passando por dificuldades, primeiramente por ter um único fornecedor nacional de resinas plásticas e também pela guerra de incentivos fiscais entre os estados, na qual as indústrias paranaenses perdem competitividade. A Secretaria da Fazenda do Paraná tem pleno conhecimento que está havendo um êxodo de indústrias para outros estados, diminuindo assim os [empregos](#) e a receita do estado e mesmo conhecendo a realidade, não tomou nenhuma iniciativa para ajudar e incentivar as empresas locais.

O sindicato destaca que a indústria de transformação paranaense necessita de uma política que possibilite a competitividade com os estados que oferecem isenção fiscal. Dessa forma, será evitada a migração das [empresas](#) para os paraísos fiscais e o consequente desemprego dos 23,6 mil paranaenses que trabalham na cadeia de transformação.

Em 2010, o setor se posicionou preocupado com as consequências da fusão entre a Quattor e a Braskem. Como as indústrias de transformação nacionais tinham o fornecimento de duas empresas distintas e em muitos casos somente com uma, a preocupação era como seria conduzida a política de preços e de [créditos](#).

Mas em reunião na Associação Brasileira de Embalagens Plásticas, o ex-presidente da Braskem, Bernardo Gradim, tranquilizou o setor ao informar que era um compromisso não prejudicar as indústrias de transformação, tanto no abastecimento de matéria-prima quanto na questão de limites de créditos, que já aprovados na Quattor e Braskem, seriam somados para atender os [clientes](#).

Dessa forma, o CADE aprovou a fusão com ressalvas, reiterando a necessidade de uma [prática](#) clara e que não levasse prejuízos para o mercado, ficando em aberto a possibilidade de ações caso acontecesse o contrário.

Hoje, o mercado se encontra em estado de alerta, novamente com as consequências da fusão. Houveram mudanças na direção da Braskem e o comprometimento realizado pela direção anterior não está sendo cumprido. Os transformadores que compravam da Quattor e da Braskem estão sendo surpreendidos com a exigência de garantias reais e com o posicionamento de que apenas o crédito instituído anteriormente pela Braskem está valendo.

Nesse clima de insatisfação e insegurança dos empresários, a única alternativa é recorrer ao mercado de distribuição de materiais importados, que possui preços atrativos e oferece crédito e prazos para pagamento, melhores do que o único fornecedor nacional. O Brasil ainda tem um imposto de 14% para importação direta, que foi criado para proteger as indústrias petroquímicas nacional, no momento em que contava com cinco petroquímicas no mercado. Hoje, existe apenas uma gigante, deixando este imposto totalmente fora de propósito, devendo ser direcionado aos produtos acabados, protegendo assim grande número de transformadores que sofrem com a concorrência internacional, o que melhoraria a balança comercial que hoje está negativa no setor plástico.

Como 90% do setor de transformação é formado por pequenas e médias empresas, existe a necessidade urgente de rever este processo. Atualmente, a Braskem cobra um elevado custo financeiro, bem acima do que os praticados por instituições financeiras, além de prazos de pagamento curtos, que não condizem com um país de inflação controlada e destoa do prazo médio praticado na ponta por seus clientes.

O SIMPEP levará estas questões para a ABIPLAST, representante nacional do setor, e também ao CADE, solicitando medidas para a defesa das pequenas e médias empresas e também espera que o atual quadro seja alterado imediatamente. O Sindicato espera que em breve, ao invés de criticar a monopolização do setor petroquímico, o setor possa elogiar e visualizar que esta fusão aconteceu para somar e auxiliar toda a cadeia de transformação e assim dar condições para que todos possam crescer e competir internacionalmente.

A desindustrialização é uma ameaça séria e precisa urgentemente de medidas para proteger as milhares indústrias de plástico no Brasil.

Fonte: Folha Metropolitana, Jornal Metrópole, Jornal Indústria & Comércio, Portal do Jornal Metro News, Portal Jornale, Portal do Jornal O Estado do Paraná, Portal IC News.

Matérias do Setor

Exportação da Braskem cresce 51,96% em julho

A petroquímica Braskem totalizou exportações de US\$ 327,648 milhões (preço FOB) no mês passado, resultado 51,96% superior ao registrado no mesmo mês de 2010, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), ligada ao Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic). Este é o melhor ritmo de negócios deste ano da companhia, cujo processo de expansão se intensificou no início do ano passado, quando da incorporação da concorrente brasileira Quattor e de fábricas da norte-americana Sunoco, nos EUA. No acumulado de janeiro a julho, as exportações da Braskem somaram US\$ 1,606 bilhão, alta de 13,11% em relação a igual intervalo de 2010. A companhia é a 8ª maior exportadora do País neste ano. A liderança no período está com a Vale, com vendas externas totais de US\$ 18,285 bilhões, alta de 80,28% ante 2010. Em seguida aparece a Petrobras (US\$ 13,435 bilhões).

Fonte: Agência Estado.

Coleta de material para reciclagem trará impacto para seu fabricante

A aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei n. 12.305/2010, começa a trazer impactos para diversos setores da indústria, que terão de decidir junto com o poder público (federal e estadual), o que será feito para atender as normas. Será preciso determinar os investimentos para adequar o processo produtivo a mecanismos ambientalmente sustentáveis, como coletar materiais e estimular a população a participar deste processo de logística reversa, segundo o advogado especialista em Direito Ambiental e Tributário do Brasil Salomão e Matthes Advocacia, Evandro Grili.

De acordo com ele, até o momento os setores que produzem pilhas e baterias, pneus, óleos e lubrificantes (produtos e embalagens), lâmpadas fluorescentes e seus componentes, e produtos eletroeletrônicos terão de implantar o quanto antes o mecanismo de logística reversa, aquele que retira do mercado produtos de troca, consertos etc, e o retorna à indústria. "Outros setores devem ser obrigados, mediante um acordo setorial entre seus fabricantes e poder público. As regras devem ser definidas por uma comissão composta por diversos ministérios como Meio Ambiente, da Fazenda e da Saúde".

Para o advogado, o peso das medidas da nova lei ficará concentrado no fabricante mesmo. Isso fará com que o setor produtivo crie estratégias para cumprir as exigências normativas sem onerar o preço final dos seus produtos. Um grave problema é a falta de estrutura para receber

o material. Decisão que caberá ao governo e aos empresários que produzem bens de consumo tomar. Estes últimos estão sujeitos a multas que variam dos R\$ 50 a R\$ 50 milhões, dependendo do que estiver previsto na legislação ambiental em vigor. Todas essas questões farão parte do debate de hoje sobre o tema durante evento na sede da Distrital Oeste do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), com apoio do Brasil Salomão e Matthes Advocacia, a partir das 18 horas.

Fonte: DCI.

Plástico "verde" ganha mercado e atrai investimentos

A migração do combustível fóssil para fonte renovável, inicialmente vista com desconfiança, ganhou novo status no Brasil menos de um ano após o início das operações da primeira fábrica local de resina fabricada a partir do etanol. O produto, impulsionado pela demanda de embalagens alimentícias e de itens de higiene e beleza e pelo forte apelo mundial por sustentabilidade, deixou de ser visto como um concorrente direto do plástico produzido com petróleo e deu origem a um novo mercado, cujo protagonismo tende a ser brasileiro.

O primeiro passo foi dado pela Braskem, com a instalação de uma fábrica em Triunfo (RS) no ano passado e anúncio de construção de uma nova unidade de resinas em 2013. A americana Dow Chemical e a belga Solvay também têm projetos anunciados para o Brasil, todos com base na cana-de-açúcar e voltados para nichos de mercado. “Falamos de um novo produto, que precisa cada vez mais ser diferenciado do produto convencional. É um biopolímero que deve ser comparado com outros biopolímeros”, destaca o diretor de Negócios Químicos Renováveis da Braskem, Marcelo Nunes.

A produção de resinas com uso de fontes renováveis ainda é bastante restrita mundialmente, com capacidade total de pouco mais de 700 mil toneladas anuais, segundo dados da associação europeia que acompanha o mercado de bioplásticos. Até 2015, a produção mundial de biopolímeros deverá ter um salto de 136%, prevê a European Bioplastics, para 1,7 milhão de toneladas anuais. Caso a estimativa seja confirmada, é previsto que o Brasil seja um dos principais destaques dessa projeção.

Fonte: Agência Estado.

Braskem poderá fazer swap para recomprar até 4,5% das ações PNA

A petroquímica Braskem vai recomprar até 12.162.504 ações preferenciais classe A (PNA) para manutenção em tesouraria e posterior venda ou cancelamento. A operação representa o terceiro programa de recompra da companhia e será realizado durante um ano. A Braskem possui 30.907.582 ações ordinárias, 270.220.248 ações PNA e 593.818 ações PNB em circulação no mercado. Logo, o montante da recompra representa 4,5% do total de papéis PNA disponíveis para negociação.

A companhia mantém outras 2.697.016 ações PNA e 411 ordinárias em tesouraria. As recompras poderão ser feitas diretamente pela companhia ou por uma instituição financeira a ser contratada, mediante uma operação de “swap”. Ao término do prazo do swap, que coincidirá com o fim do prazo do programa de recompra, a Braskem comprará da instituição financeira o saldo de ações que esta tenha adquirido em decorrência do swap e que ainda não tenham sido recompradas diretamente pela Braskem. Caso o valor das ações exceda o saldo da conta de lucros ou reservas da Braskem, esse excedente será vendido no mercado pela instituição financeira.

Fonte: Valor Online e a Exame.com

Veto a sacolinha eleva venda de saco de lixo

Cidades que proibiram ou firmaram acordos com o comércio para desestimular a distribuição de sacolas plásticas -comumente reutilizadas em lixeiras domésticas- registraram um aumento nas vendas de sacos de lixo. Em Belo Horizonte, que aboliu as sacolas plásticas do comércio em abril, a venda de sacos de lixo cresceu 15% em média, conforme estimativa da Associação Mineira de Supermercados.

As vendas também cresceram em Jundiaí (a 58 km de São Paulo), que retirou as sacolas plásticas convencionais de circulação, após um acordo entre Associação Paulista de Supermercados (Apas), comerciantes e prefeitura, em agosto do ano passado. A associação estima que, por mês, 80 toneladas de sacolas plásticas convencionais tenham deixado de ser enviadas para aterros sanitários. Mas, o consumo de sacos de lixo no município aumentou em 20 toneladas.

Os números causam impacto direto no bolso do consumidor. Nos supermercados, um pacote com 30 unidades de saco de lixo de 30 litros, pode custar entre R\$ 15 e R\$ 25, a depender da marca. Para carregar as compras, o consumidor deve usar sacolas biodegradáveis (R\$ 0,19 a unidade) ou retornáveis (a partir de R\$ 3).

Fonte: Folha de S. Paulo.

Brasil está entre os maiores do mundo na reciclagem de PET, aponta estudo

Com as 282 mil toneladas de embalagens pós-consumo que receberam destinação adequada em 2010, o Brasil manteve a posição de destaque entre os maiores recicladores de PET mundiais, mesmo não contando com sistemas de coleta seletiva abrangentes. O volume reciclado em 2010 resulta em crescimento de 7,6% sobre o ano anterior. - Os números fazem parte do 7º Censo da Reciclagem do PET no Brasil, divulgado pela Associação Brasileira da Indústria do PET (Abipet), baseado em informações provenientes de instituições como Organização das Nações Unidas (ONU), Fundo Monetário Internacional (FMI), Economist Intelligence Unit, da própria Abipet, além da Petcore e Napcor, entidades internacionais do setor.

Segundo o estudo, a alta demanda pelo produto reciclado garante a sustentabilidade, inclusive econômica, da atividade que faturou R\$ 1,18 bilhão em 2010, correspondendo a 36% de toda a receita do setor PET no mesmo período (embalagens PET mais produtos reciclados), que chegou a um total de R\$ 3,27 bilhões.

"Hoje, quase todas as montadoras de automóveis utilizam compostos feitos a partir do PET reciclado nos tapetes e forrações dos veículos", disse Auri Marçon presidente da Abipet.

Porém, segundo o executivo o crescimento do setor tende a diminuir por causa do principal gargalo deste segmento, a falta de um sistema de coleta seletiva eficiente, que limita o acesso da indústria à embalagem pós-consumo, e faz a mesma trabalhar com uma taxa de 30% de ociosidade.

"Se o lixo reciclável não for destinado a um centro de triagem, vai parar em um aterro sanitário. A responsabilidade por esse trabalho é dos municípios, mas somente 10% deles realizam a coleta seletiva", alertou Marçon.

Vale ressaltar que cerca de 56% do total de embalagens PET consumidas no Brasil recebem a destinação adequada. Esse material tem destino diversificado, onde a maior quantidade de usuários é do setor têxtil, com 38% do total produzido, pois da reciclagem do PET pode se extrair o fio do poliéster, amplamente utilizado neste segmento.

Na comparação com nações que possuem características semelhantes de desenvolvimento, como Austrália, Argentina e México, a situação brasileira é de clara vantagem.

"O Brasil é um dos poucos, se não for o único, que coleta, recicla e aplica todo o PET reciclado em seu próprio território", comenta Marçon.

Fonte: Diário do Comércio e Indústria

Indústria de plástico eleva produtividade

A sustentabilidade, ou seja, adotar [práticas](#) ambientalmente corretas e que, ao mesmo tempo, trazem resultados financeiros favoráveis, é a palavra do momento para o empresariado. Com iniciativas desse tipo e investimentos para elevar a produtividade, companhias como a Poliembalagens, de Mauá, têm conseguido se destacar no mercado. A fabricante, que é uma das maiores produtoras de sacos de enjoo para as companhias aéreas nacionais, projeta crescimento de 15% em faturamento frente a 2010.

O ritmo de expansão ocorre, apesar da atual desaceleração da economia. Nesse cenário de queda no consumo de embalagens, o gerente comercial, Alessandro Lino Guardalben, destaca que a empresa, que tem porte ainda pequeno (conta com 80 funcionários), procurou focar nos produtos em que é mais competitiva e investir em [equipamentos](#) para reduzir gastos, sem a perda da qualidade dos produtos.

Como exemplos, foi adquirida balança eletrônica para pesagem da matéria-prima (a resina termoplástica) a fim de ter maior controle dos custos, e máquinas mais [modernas](#) de extrusão (processo de fabricação dos sacos plásticos), que permitem, com menos resina, produzir itens de resistência igual ou superior aos feitos sem essa tecnologia.

Esses [investimentos](#) permitem também ganhos ambientais, com a diminuição no consumo de insumos. Isso também é obtido pela reciclagem do material. Atualmente 100% do que sobra no processo é reaproveitado.

Atuação

Além de ser uma das líderes brasileiras em saquinhos com cordonel (cordão de nylon) para o setor aeronáutico, a Poliembalagens também fornece esse tipo de produto para indústrias cosméticas, farmacêuticas e outras. São mais de um milhão de unidades fabricadas por mês. Entre os clientes, há nomes como Natura, Jequiti e Água de Cheiro. O item é utilizado, por exemplo, como embalagem pelas promotoras de vendas, na entrega dos cosméticos aos consumidores.

A companhia, que produz ainda lonas plásticas, fitas, material promocional, envelopes, sacolas e etiquetas, atende outros segmentos no País: desde autopeças, pneus, construção civil até alimentício. E também atua no mercado externo.

A meta é chegar, nos próximos anos, a 17% do faturamento com as vendas a outros países. Por enquanto, o percentual de produção direcionado ao exterior é incipiente, mas o executivo avalia que há espaço para crescer lá fora. "O câmbio não é o fator impeditivo, se o dólar está baixo para exportar, está atrativo para importar e dá pra compensar, com aquisição de insumo e tecnologia", afirma o executivo.

A Poliembalagens patenteou, há três anos, processo de reciclagem de filmes plásticos, que tem garantido economia de até 400% para a empresa em gastos com matéria-prima.

O processo permite reciclar em até seis vezes os sacos plásticos. Com isso, a empresa consome 400 toneladas por mês proveniente desse reaproveitamento e outras 300 toneladas mensais de matéria virgem (ou seja, comprada das indústrias petroquímicas).

Para tanto, os produtos ou aparas da produção são separadas, prensadas, limpas, moídas, filtradas e colocadas para serem reaproveitadas na linha de extrusão, ou seja, a fabricação dos sacos plásticos.

A iniciativa é feita em parceria com os clientes (as indústrias as quais a empresa atende) que retornam o material destinado à reciclagem, em troca de redução no preço dos itens. Essa prática garante 50% do faturamento (valor não revelado) da companhia.

A preocupação com as questões ambientais não se esgota nessas ações de reutilização dos materiais. A empresa conta que faz captação de água da chuva e tratamento desse insumo utilizado no processo fabril. Para demonstrar que a iniciativa funciona, tanques de carpas na entrada da empresa estão ligados a esse sistema. "Os peixes são sensíveis à poluição e qualquer alteração na qualidade do processo seria rapidamente observada", assinala o gerente Alessandro Guardalben.

Fundada em 1980, a empresa de embalagens plásticas com sede em Mauá começou de forma modesta, em um espaço de apenas 40 m², no fundo do quintal da casa de Ettore Guardalben, avô de Alessandro, em Santo André.

Na época, o avô se dedicava à produção de massa fina para a construção civil e precisava de sacos plásticos para embalar esse item e o pai de Alessandro, Giorgio, decidiu adquirir duas máquinas para atender essa necessidade. O negócio deu tão certo que até concorrentes na fabricação da massa fina procuraram a empresa para fazer pedidos de embalagens. Nascia aí a Poliembalagens.

Com o crescimento da demanda e da produção, primeiro a fabricante se transferiu para uma padaria desativada, depois para um galpão onde antes funcionava um depósito de tintas e, no início da década de 1990, instalou-se em imóvel de 2.500 m² na avenida Industrial, ainda em Santo André.

Ao longo dos anos, esse espaço também se mostrou pequeno e a família Guardalben comprou um terreno de 30.000 m² em Mauá, para onde se transferiu nos anos 2000. O negócio faz parte da vida de Alessandro, hoje com 40 anos, desde sua infância, inicialmente como uma brincadeira. "Aos 7 anos, lavava os sacos plásticos para reciclar, depois fui office-boy, passei por áreas de faturamento, compras até me tornar hoje gerente comercial", conta.

A companhia, que ocupa 7.000 m² de galpões, segue crescendo e já há planos de ocupar mais 1.500 m² do terreno e transferir para lá o depósito de material enviado pelos clientes para reciclagem. A empresa também pretende ampliar a produção, com o objetivo de ter mais folga para atender a demanda. Atualmente já tem 84% de utilização da capacidade instalada.

Fonte: Diário do Grande ABC

Matérias Nacionais

Importados são 60% da oferta de bens de capital no Brasil

O aumento de 27,3% do déficit da balança comercial da indústria de máquinas e equipamentos já preocupa o setor. No acumulado de 2011, a diferença entre as importações e as exportações chegou a US\$ 10,2 bilhões, ante o registrado em igual período de 2010, de US\$ 8,1 bilhões. "Estamos perdendo competitividade há muito tempo e o quadro só tende a piorar", avalia Luiz Aubert Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Para tentar reverter este cenário, o setor mantém o nível de investimento em 7% do faturamento total previsto para 2011, atingindo um patamar de R\$ 5 bilhões.

Em julho, as exportações somaram US\$ 901 milhões, queda de 13,6% em relação ao mesmo período do ano passado. No acumulado de janeiro a julho, as vendas para outros países somaram US\$ 6,3 bilhões - alta de 29,5% em relação a 2010. As importações, porém, continuam sendo a pedra no sapato do setor. Apesar do cenário, a receita bruta do setor chegou a R\$ 6,9 bilhões em julho, o que representa um crescimento de 10,9% em relação ao mesmo período do ano passado.

No acumulado de janeiro a julho, o montante foi de R\$ 45,8 bilhões, equivalente a um aumento de 10,3% em comparação a igual período de 2010. Apesar da recuperação, o presidente da Abimaq diz que o setor ainda não conseguiu atingir o faturamento do período anterior à crise de 2008, quando foi registrada uma das maiores receitas.

Fonte: DCI.

Petrobras espalha pólos químicos pelo País

Mais de uma vez o baiano José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, afirmou que o conceito de pólos químicos e petroquímicos tende a se expandir no território nacional. Atualmente, a presença física da Petrobras por intermédio de refinarias e unidades de produção de fertilizantes está restrita à costa brasileira e a dez Estados.

Essa situação mudará ao longo dos próximos anos graças ao plano de investimentos da companhia, que passará a ter unidades de refino e fertilizantes no Mato Grosso do Sul, Espírito Santo e Maranhão. Para os governantes desses Estados, é a oportunidade para se igualarem a Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, grandes pólos da indústria petrolífera e petroquímica brasileira.

O plano de investimentos da Petrobras ainda prevê a construção de três outras refinarias até o final desta década, sendo uma delas no Rio, o Comperj e as outras duas, conhecidas como Premium I e Premium II, no Maranhão e no Ceará. Concluídos esses projetos, a relação entre a demanda local e a capacidade de refino no Conen deverá mudar. A proposta da Petrobras é alcançar a autossuficiência nacional em derivados até 2020 e, caso isso ocorra, é provável que o abastecimento entre as diferentes regiões do Brasil também esteja próximo da equalização.

Fonte: Agência Estado.

Mercado eleva projeção para inflação e reduz PIB em 2011

As instituições financeiras elevaram as previsões para a inflação neste ano, segundo o relatório Focus divulgado pelo Banco Central (BC), e reduziram as projeções para o Produto Interno Bruto (PIB). Os agentes de mercado consultados estimam que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) encerre 2011 a 6,31%, ante projeção de 6,28% verificada na semana passada.

Para o próximo ano, as instituições mantiveram a estimativa para o IPCA de 5,20%. Já as projeções para o Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) em 2011 subiu para 5,52%, frente a projeção vista na semana anterior de 5,50%. Quanto ao Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), a previsão para 2011 ficou em 5,45%, com elevação ante a estimativa de 5,44% na semana anterior.

O mercado manteve a previsão pela terceira semana seguida para a taxa básica de juros do país (Selic) em 2011, a 12,50% ao final do ano. Para o fim de 2012, os economistas consultados prevêem que a Selic fique em 12,38% ao ano, ante a projeção de 12,50% há uma semana. As instituições consultadas pelo BC reduziram a expectativa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011 pela quarta semana seguida.

As projeções apontam para uma expansão de 3,79%, sendo que há uma semana a previsão era de 3,84%. Para 2012, a estimativa caiu de 4% para 3,90%. De acordo com o boletim Focus, a projeção para a taxa de câmbio ficou inalterada em R\$ 1,60 ao fim deste ano. Para 2012, a projeção é de que o dólar termine o ano a R\$ 1,65.

Fonte: Brasil Econômico.

Queda de confiança e desaquecimento industrial

Os consumidores estão preocupados com o aumento da inflação e os de menor renda temem o desemprego, segundo o Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), da Confederação Nacional da Indústria (CNI). O Inec de agosto foi divulgado concomitantemente com a Pesquisa Industrial Mensal da Produção Física (Pimes) do IBGE de julho, que aponta para o enfraquecimento do setor. Os dois indicadores exibem declínio em relação a 2010, comprovando quão insustentável era a euforia do último ano do governo Lula.

O otimismo do consumidor caiu 6,1% entre agosto de 2010 e agosto de 2011 e a queda, mês a mês, foi constante desde outubro do ano passado, com exceção de julho. O pessimismo com a inflação aumentou 21% em 12 meses e com o desemprego, 10%. Também pioraram as expectativas quanto à renda pessoal, à situação financeira, ao endividamento e à aquisição de bens de maior valor.

Os entrevistados com renda de um a dois salários mínimos são os mais pessimistas quanto à inflação, com destaque para as Regiões Sul e Nordeste. E os que ganham até um salário mínimo temem mais do que os outros o aumento do desemprego.

A Pimes registrou queda de 0,3% entre julho de 2010 e julho de 2011, principalmente nos bens intermediários - insumos usados na elaboração de produtos, como celulose, borracha, plásticos, bobinas de aço, fios de algodão ou o açúcar empregado na fabricação de balas -, com queda de 2,4%. O maior crescimento ocorreu em bens de capital (+3,8%), um indicador favorável de investimentos, e em bens duráveis (+1,3%), o que se deve, em parte, ao comportamento do setor de veículos. Mas, segundo o IBGE, há uma "clara redução no ritmo de crescimento ante os meses anteriores".

A piora dos indicadores também surgiu no Índice de Confiança da Indústria (ICI) calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que está em queda há oito meses consecutivos.

As informações desfavoráveis vindas do setor manufatureiro não surpreendem: a indústria nacional é afetada, entre outros fatores, pela concorrência com os importados, a infraestrutura precária e os tributos - e parlamentares do PT ainda querem recriar a CPMF. Não se deve falar em recessão na indústria, prevendo-se aumento de 2% a 3% da produção física, mas o crescimento dos estoques é um fator a mais de aperto.

O aumento do pessimismo do consumidor não deve ser dissociado do comportamento da indústria, que gera postos qualificados de trabalho.

Fonte: O Estado de S.Paulo

Matérias Internacionais

G-7 e BRICS sofrem forte desaceleração no segundo trimestre

O comércio dos países industrializados do G-7 e dos grandes emergentes (BRICS) sofreu uma forte desaceleração no 2º trimestre, segundo dados divulgados na quarta-feira (31) pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) que confirmam a preocupação sobre o dinamismo da economia mundial.

A deterioração tem, no entanto, duas exceções: China e Brasil, onde os fluxos comerciais cresceram com força nesse período. Mas o panorama geral é aflitivo: as importações totais do G-7 e dos BRICS cresceram apenas 1,1%, depois de um aumento trimestral de 10,1% em janeiro-março. Quanto às exportações totais de ambos os blocos, estas subiram 1,9% no segundo trimestre do ano em relação ao primeiro, quando cresceram 7,7%.

No segundo trimestre, as importações do G-7 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Canadá) e dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) totalizaram US\$ 2,37 trilhões e as exportações, US\$ 2,22 trilhões. No primeiro trimestre, as importações desses dois blocos chegaram a US\$ 2,35 trilhões; e o volume das exportações, a US\$ 2,18 trilhões. As exportações brasileiras tiveram um aumento de 11,2%, a US\$ 84,9 bilhões, depois de terem subido 5,7% no trimestre anterior (US\$ 79,1 bilhões).

Ao passo que as importações aumentaram 11,15%, a US\$ 60,8 bilhões. A balança comercial brasileira apresenta um superávit de US\$ 24,1 bilhões, frente aos US\$ 24,5 bilhões do primeiro trimestre de 2011, e quase o dobro do valor registrado no mesmo período do ano passado quando atingiu US\$ 13,5 bilhões.

Fonte: DCI.

Carvajal Embalagens compra Convermex, do México, por US\$ 180 milhões

A Carvajal Embalagens, filial do grupo colombiano Carvajal, anunciou na sexta-feira, a aquisição da Convermex, do México, por US\$ 180 milhões. A Convermex é a terceira maior fabricante mundial de embalagens e líder no mercado mexicano de embalagens de poliestireno expandido, com operações nos Estados Unidos. A conclusão do negócio ainda depende da aprovação de autoridades mexicanas.

Esta decisão dá a Carvajal Embalagens a oportunidade de ter acesso direto a um mercado estimado em US\$ 1,2 bilhão e se converte em uma plataforma para crescer se firmar no mercado americano, afirma o presidente do grupo Carvajal, Ricardo Obregón, por meio de comunicado. De acordo com o executivo, a Convermex tem vendas anuais da ordem de US\$ 206 milhões. Deste total, US\$ 161 milhões são gerados no México, US\$ 35 milhões nos Estados Unidos e US\$ 10 milhões no resto do mundo.

O Grupo Carvajal é um dos três maiores conglomerados empresariais da Colômbia, com faturamento de US\$ 1,7 bilhão no ano passado. O Brasil respondeu por 11,8% desse resultado. Em fevereiro, a companhia anunciou um investimento de US\$ 150 milhões, nos próximos 2 anos, para o seu plano de expansão. A empresa passou recentemente por um processo de reestruturação, com a divisão de suas operações em sete áreas de negócios, que levam o nome Carvajal: tecnologia e serviços; soluções de comunicação; embalagens; educação; espaços; polpa e papel e informação.

No Brasil, o Grupo Carvajal fez quatro aquisições em 23 anos. Em 1984, fez a aquisição da Publicar, proprietária das Páginas Amarelas dos Estados do Paraná, Espírito Santo, Alagoas, Sergipe e Bahia. Em 1995, comprou a Caderbrás, fabricante dos cadernos da marca Norma. Em 2007, adquiriu a agência de publicidade Yell e a editora Lund.

Fonte: Valor Econômico.

Agenda

Curso de embalagens plásticas em Buenos Aires

Polyolefins Consulting, LLC e PlastiChem LatAm apresentam o Curso de Embalagens Plásticas Flexíveis e Rígidas que será realizado em Buenos Aires nos dias 6 e 7 de setembro. O curso oferece uma visão geral sobre as tecnologias e aplicações das poliolefinas na indústria de embalagens flexíveis e rígidas. Profissionais das indústrias de transformação de embalagens flexíveis e rígidas, produtores de materiais plásticos, fornecedores e clientes, bem como os usuários finais que desejam ampliar seus conhecimentos. Participe e obtenha respostas para suas dúvidas. Informações e inscrições pelo info@polyolefinsconsulting.com ou no www.polyolefinsconsulting.com.

Sinproquim e Senai São Paulo promovem cursos para profissionais da indústria química e petroquímica

O Sinproquim em parceria com o Senai São Paulo realiza 13 cursos nas áreas de desenvolvimento pessoal, logística e meio ambiente. O objetivo é complementar a formação dos colaboradores das indústrias química e petroquímica, com foco em áreas que possam melhorar a gestão das empresas. Em setembro, entre os dias 12 e 13, será promovido o curso de Comunicação em Público e nos dias 15 e 16 será a vez do curso sobre Excelência no Atendimento ao Cliente. Na segunda quinzena, serão realizados cursos de perfil mais técnicos, como o de Gestão de Resíduos Sólidos Industriais (21 de setembro) e Logística de Operações – Intralogística (nos dias 26 e 27 de setembro). Os cursos serão realizados na sede do Sinproquim (Rua Rodrigo Cláudio, 185, São Paulo) e serão ministrados por instrutores do

Senai São Paulo e seus parceiros. Para mais informações entre em contato pelo e-mail sinproquim@sinproquim.org.br ou pelo telefone (11) 3287-0455.

Moldagem por Injeção é tema de curso na FDTE

A Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia (FDTE) oferecerá, a partir de outubro o curso Moldagem por Injeção e Projeto de Moldes. Com o objetivo de analisar os problemas mais freqüentes das peças injetadas, as aulas estão estruturadas para fazer uma correlação entre a experiência prática com injetoras, o conhecimento teórico do processo de injeção, as características dos principais termoplásticos e o projeto de moldes de injeção. Destinado aos profissionais de produção, qualidade e técnicos que atuam no processo de injeção e projeto de moldes, o curso de 40 horas tem início em 08 de outubro. Mais informações podem ser obtidas em: <http://www.fdte.org.br/index.php/engenharia/68>



WBC COMUNICAÇÃO
Fone / fax: 41 32470569
E-mail: wbc@sulbbs.com.br
Eugenio Torres: 41 91667616
Luciana Gavloski: 41 91326135
Veronica Gavloski: 41 99291099